

## A TÉCNICA DA INTERPRETAÇÃO NO CONTEXTO DO BRINCAR: UM ESTUDO DE CASO

### THE TECHNIQUE OF INTERPRETATION IN THE CONTEXT OF PLAY: A CASE STUDY

<sup>1</sup>CARREIRA, A.; <sup>2</sup>OLIVEIRA, F. S.

<sup>1e2</sup>Departamento do Curso de Psicologia –Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

#### RESUMO

O presente estudo tem como objetivo ilustrar, através do estudo de caso, como ocorre à aplicação da técnica da interpretação dentro do contexto da brincar. O referencial teórico utilizado foi o de Melanie Klein. O estudo de caso foi realizado em uma criança, com quatro anos de idade, do sexo feminino. A queixa inicial dos responsáveis da paciente era que, após a família ter sofrido um acidente de carro, a filha havia desenvolvido alguns medos, sendo eles: medo de chuva, medo de brincar sem a supervisão dos pais e medo de andar de carro. Para a coleta de dados foi utilizada a observação durante as sessões e a leitura do prontuário clínico da paciente. Os resultados obtidos foram que o brincar e a interpretação psicanalítica auxiliaram na diminuição dos medos e angústias da criança, possibilitando apontar em que momento a técnica da interpretação ocorreu e sua eficácia foi comprovada. Portanto, concluiu-se que o brincar em psicoterapia infantil está atrelado a técnica da interpretação, sendo necessário para o desenvolvimento do processo terapêutico.

**Palavras-chave:** Interpretação. Brincar. Psicoterapia Infantil.

#### ABSTRACT

This article aims to illustrate through the case study, approved by the ethics committee, about the application of the interpretation technique in the play context. The theory used, was Melanie Klein. The case study was conducted with a child, four year-old, female. The initial complaint of the parents, was that after suffering a car accident, their daughter would developed some fears like, fear of rain, afraid to play without parental supervision and fear of riding in a car. For data collection was used the observation during the sessions and the reading of the clinical patient enchiridion. The results were that the play and the psychoanalytic interpretation helped in reducing the fears and anxieties of the child making it possible to understand at what point the technique of interpretation occurred proving its viability. Therefore, it is concluded that children playing in psychotherapy is coupled to the interpreting technique, it is necessary for the development of therapeutic process.

**Keywords:** Interpretation. Play. Child Psychotherapy.

#### INTRODUÇÃO

A Psicoterapia Infantil é amplamente solicitada e conhecida nos dias atuais. Nela, a criança encontra um espaço de escuta para suas angústias e conflitos, mas nem sempre isso ocorreu. Antes de Freud ter contato psicanalítico com uma criança, no caso, o Pequeno Hans, em 1909, os médicos, pouco se preocupavam com a fala das crianças. De acordo com Manonni (1987), eles afastavam todos os dados advindos de observações e concentravam-se em teorias médicas que não consideravam o discurso do doente, no caso, a criança.

Como se pode ver em Freud ([1909]/1969) com o tratamento do Pequeno Hans, realizado pelo pai do menino e supervisionado por Freud, este observou, através das anotações do pai que eram direcionadas a ele, que para o

desenvolvimento dessa análise usar-se-ia dos mesmos meios que a do adulto, ou seja, a fala do doente e a interpretação por parte do analista. Sendo esta última, utilizada para trazer ao consciente conteúdos do inconsciente, com o intuito de que o sujeito possa ter compreensão desses desejos e conflitos desconhecidos por ele. Essa técnica auxiliou Hans a livrar-se da sua fobia de cavalos.

Mais tarde, Melanie Klein ([1882-1960]/1997), amplia o raciocínio freudiano em relação ao brincar, que teve como enfoque a brincadeira do seu neto (“fort-da”) e a importância atribuída para a mesma em Hans, porém Freud não a tornou uma técnica da psicanálise, uma vez que, segundo Zimmerman (2004, p.347), a contribuição de Freud dentro da análise de crianças se constitui de forma indireta possibilitando “o reconhecimento e a importância dos dinamismos psíquicos da criança”, ou seja, Freud deu a base para que essa área surgisse, mas não participou de forma ativa para a consolidação dessa área da psicoterapia. Com isso, quem integrou o brincar como uma técnica da psicoterapia infantil foi Melanie Klein, pois trouxe o contexto das brincadeiras para as suas sessões, sendo ela uma das precursoras nessa área.

Segundo Roudinesco (1998, p. 402), a interpretação tem como definição: “qualquer intervenção psicanalítica que vise a fazer um sujeito compreender a significação inconsciente de seus atos ou de seu discurso, quer estes se manifestem através de um dito, um lapso, um sonho, um ato falho, de uma resistência, da transferência etc.” Dessa forma, Klein ([1882-1960]/1997) propõe que o brincar analítico deve ser interpretado como Freud faz com os sonhos, considerando todas as brincadeiras que a criança articula durante a sessão, para que o analista possa entender o que a criança está tentando representar, de modo a tentar compreender as suas “significações inconscientes”.

Sendo assim, o artigo em questão, busca ilustrar através do estudo de caso, como ocorre a técnica da interpretação dentro do contexto do brincar, com o intuito de contribuir para a ampliação do conhecimento da técnica em questão no âmbito da psicoterapia infantil, almejando unir a teoria com a prática. Dessa forma, para analisar o caso foi utilizada a abordagem kleiniana, com enfoque na ludoterapia como modalidade de atendimento.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O estudo de caso foi realizado no Centro de Estudos e Práticas em Psicologia - CEPP, das Faculdades Integradas de Ourinhos, situada no interior do Estado de São Paulo, no qual a autora do presente artigo realizou o Estágio Obrigatório Clínico para conclusão do curso de Psicologia.

Este estudo de caso consiste na análise dos atendimentos de uma criança, do sexo feminino, e que no momento estava com quatro anos de idade. Os responsáveis pela paciente traziam como queixa inicial as consequências que o acidente sofrido pela menina havia causado, uma vez que houve regressões de comportamento por parte da mesma.

A paciente foi atendida pela estagiária/autora deste trabalho uma vez por semana, em quatorze sessões, não sendo incluso nessa quantidade as duas sessões realizadas com os responsáveis da paciente. Esses dois encontros com os pais da paciente ocorreram na primeira sessão, que como objetivo a anamnese, e na última sessão para realizar uma devolutiva do caso.

Os dados foram coletados por intermédio do atendimento clínico com a criança, realizando-se anotações ao término das sessões. Também utilizou-se para levantamento de informações o prontuário clínico da paciente que continham a anamnese com os pais, a ludoterapia com a criança, a observação durante as sessões e a técnica da interpretação, utilizadas como ferramentas de análise. A linha teórica que se seguiu para o atendimento com a paciente foi a Kleiniana. A pesquisa realizada foi de ordem qualitativa.

A participante do estudo de caso e os seus pais tiveram os seus nomes mantidos em sigilo, uma vez que foram utilizados nomes fictícios durante todo o trabalho, com o objetivo de manter a sua confidencialidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da observação realizada ao longo dos atendimentos foi possível extrair vinhetas do caso clínico que pudessem ilustrar como ocorre a técnica da interpretação dentro de um atendimento clínico em psicoterapia infantil, obtendo assim, uma melhor compreensão a respeito da técnica em questão.

O estudo de caso relatado aqui será o de Fernanda (nome fictício), uma criança de quatro anos de idade, que foi atendida por um ano no Centro de Estudos

e Práticas em Psicologia. A primeira sessão foi realizada com o pai de Fernanda, chamado João (nome fictício), tendo como modalidade de atendimento a anamnese.

Durante a sessão com o pai de Fernanda o mesmo relatou ser o motivo da consulta as consequências psíquicas/emocionais de um acidente de carro que a menina sofreu durante o ano de dois mil e quatorze. O carro colidiu com um caminhão, resultando em um “capotamento”, sendo que a batida ocorreu do lado da porta em que se encontrava Fernanda. Mesmo não havendo ferimentos sérios, o mais grave dentre eles foi o de Fernanda que bateu a cabeça no vidro do carro. Dentro do veículo também viajavam o pai da menina, a mãe, a irmã gêmea e a avó. Na ocasião quem dirigia era a mãe. No decorrer da entrevista o pai também citou sobre regressões de comportamento da menina após o acidente, como, por exemplo, medo de andar de carro, medo de chuva e medo de ficar sozinha, sem os pais.

Durante os três primeiros atendimentos com a paciente foi possível observar que os brinquedos que envolviam o mundo automobilístico, tais como postos de gasolina, corridas e lava-jatos eram temáticas recorrentes dentro das sessões. No decorrer da primeira sessão com a menina, logo no início, enquanto olhava a caixa lúdica<sup>1</sup>, ela avistou o caminhão, pegou-o na mão e fez o seguinte comentário “Vi um desse voltando da praia”, mas ao indagar por mais detalhes, Fernanda mudou de assunto.

Esta mudança de assunto efetuado pela menina configura-se como uma resistência que, de acordo com o dicionário de psicanálise, é um “termo empregado (...) para designar o conjunto das reações de um analisando cujas manifestações, no contexto do tratamento, criam obstáculos ao desenrolar da análise” (ROUDINESCO, 1998, p. 658). Quando a resistência ocorre no decorrer da sessão, segundo Klein ([1882-1960]/1997) o mecanismo de defesa é considerado uma transferência negativa, uma vez que é advindo de sentimentos como vergonha, ansiedade e não-confiabilidade. Dessa forma, esta transferência negativa deve ser interpretada, pois assim a técnica da interpretação irá diminuir esses afetos negativos por parte da criança e mostrará para o paciente o verdadeiro motivo de ele estar sentindo esses afetos ruins. Contextualizando para o caso em questão, a intervenção realizada pela

---

<sup>1</sup> Caixa lúdica: Caixa onde guarda os brinquedos utilizados durante uma sessão terapêutica. Para Aberastury (1982) a caixa representa o mundo interno da criança, o mundo não verbal, contendo as representações inconscientes e as relações com o objeto.

estagiária foi sinalizar para a paciente que a sua mudança de assunto foi percebida como uma tentativa de não querer lidar com aqueles sentimentos ruins que o tema abordado lhe causou, mostrando que os sentimentos desagradáveis encontram-se dentro dela.

Ainda nesta sessão, quis brincar com um posto de gasolina em miniatura existente dentro da caixa lúdica. A brincadeira consistia em abastecer os carros no posto de gasolina e voltar para casa (as casas eram blocos de madeiras que a paciente construiu para que os carros “tivessem sempre um lugar para onde voltar”). Sobre os blocos de madeira que representavam casas, foram interpretados como sendo um lugar seguro, ao qual sempre a paciente pode voltar, dessa forma, a casa é a sua segurança, uma vez que se encontra perto dos pais e longe do acidente de carro.

Para que fosse possível chegar a essa interpretação, o brincar foi observado como um todo, considerando a história de vida da paciente e os respectivos significados de cada brinquedo, que ora pode estar representando uma situação e outrora estar representando outra, assim como Klein ([1882-1960]/1997) propôs analisar o brincar do mesmo modo que Freud analisa os sonhos, considerando “todos os mecanismos e métodos de representação empregados pelo trabalho do sonho, sem nunca perder de vista a relação de cada fator com a situação como um todo”. (KLEIN, [1882-1960]/1997, p. 27). Entende-se, olhando o contexto da brincadeira que os blocos de madeira, representando casas, obtinham dentro desse contexto específico, essa interpretação (casas seguras), porém, em outras sessões, esses mesmos blocos ganharam novos significados por parte da paciente, confirmando a teoria de Klein ([1882-1960]/1997) de que não se pode olhar para o brinquedo como um simbolismo fechado, uma vez que eles mudam constantemente.

No segundo atendimento com a criança, Fernanda também brincou com automóveis. A brincadeira se desenrolou com a paciente colocando a família terapêutica<sup>2</sup> em cima de um caminhão, que carregava parte da família, menos o pai e a mãe. A estagiária fez menção de sair do lugar onde ela estava, perto da menina, pois era o percurso do caminhão. No momento em que fez o movimento de se levantar, a paciente perguntou preocupada para onde a estagiária estava indo, foi

---

<sup>2</sup> Conjunto de bonecos de pano, utilizados em psicoterapia infantil, contendo pai, mãe, filho, filha, avó, avô, animais de estimação, sendo eles simples, com o objetivo de não interferir “mediaticamente” na brincadeira que a criança representará.

tranquilizada ao ouvir da mesma de que não iria para lugar algum, que iria ficar ali com ela. Essa fala da estagiária teve como objetivo a diminuição da ansiedade da criança pois, com menor ansiedade, Klein ([1882-1960]/1997) afirma que é possível ter acesso ao inconsciente da criança e as fantasias tornando-as mais livres. Essa preocupação da menina deu a possibilidade de vislumbrar o medo da garota de ficar sozinha enquanto está brincando, relatado pelo seu genitor durante a entrevista de anamnese no início do tratamento. Demonstrou com isso, que as fantasias sobre o seu acidente são transferidas para a brincadeira e está atrelada ao medo de ficar sozinha.

Logo após essa situação, Fernanda também brincou de levar os carros para a parte externa da sala de atendimento, no qual os carros se encontravam em fila indiana. Enquanto ela os guiava para fora, um carro bateu na traseira do outro. Quando a paciente viu, disse que só bateu atrás, que não havia feito nada. O acidente inesperado mostra mais uma vez a repetição da brincadeira envolvendo acidente de carro. Depois desse comentário não quis se pronunciar a respeito da “batida”, mesmo sendo questionada pela estagiária.

Em seu terceiro atendimento, Fernanda persistia em brincar com os carros presentes na caixa lúdica, desta vez pegou todos os carros e caminhões disponíveis na caixa e também quis montar o posto de gasolina em miniatura. Também encontrou animais de plástico e os escolheu para colocar em cima do caminhão e dos carros. Desta forma, os automóveis carregavam os animais, mas conforme os carros se movimentavam, os animais caíam, e ela sempre mencionava sobre a queda deles, até que pediu para que a estagiária segurasse os animais, caso ela percebesse que eles iriam cair.

Através do relato dos três primeiros atendimentos com a criança, já é possível observar que a queixa inicial, ou seja, as consequências do acidente de carro está sendo transferido para a brincadeira com o auxílio da simbolização. A paciente já começa a falar por meio do brincar, como Klein ([1882-1960]/1997) propõe em sua teoria, colocando a temática dos carros presente em todas as sessões, sendo uma brincadeira que se repete, de formas diferentes, mas sempre envolvendo “batidas”, possíveis ferimentos, como por exemplo, os animais caindo dos automóveis.

De acordo com essa necessidade da garota de transferir a situação que lhe fora traumática para a brincadeira, e com o interesse especial pelo posto de gasolina em miniatura existente dentro da caixa lúdica, percebeu-se a urgência de trazer mais

materiais que envolvessem a temática dos carros para que Fernanda pudesse brincar. O material escolhido foi o “Auto-Posto”, um posto de gasolina, maior que o que se encontrava na caixa, e mais completo.

Deste modo, seguindo a linha de raciocínio acima explanada, levou-se o brinquedo “Auto-Posto” para a quarta sessão com Fernanda. Logo de início ela o escolheu para brincar durante a sua ludoterapia. É importante expor que não houve sugestão por parte da estagiária para a escolha deste brinquedo, ele apenas foi colocado junto com o restante dos brinquedos que já eram levados às sessões.

O que mais interessou a menina na brincadeira com o novo posto foi a rampa acoplada ao brinquedo. O jogo empregado por Fernanda valia-se da seguinte dinâmica: a pequena abastecia os carros no térreo e subia com eles pela rampa até o estacionamento na parte superior do posto. Ao colocar os oito carros no segundo andar, a menina fazia o movimento inverso, descendo com eles pela rampa. Quando os carros desciam pelas rampas, alguns, dependendo da velocidade que Fernanda os lançava quase viravam. A paciente comentou a situação dizendo que “por pouco o carro não havia virado”.

Para explorar melhor a fala da paciente e compreender o que ela estava trazendo para a sessão, a estagiária indagou a pequena de como era o nome empregado quando “o carro virava”, usando as mesmas palavras da menina. Fernanda respondeu não saber. A estagiária neste momento insistiu, perguntando se esse movimento do carro “virar” chamava-se “capotamento” (essa indagação foi feita, uma vez que a menina estava disposta a falar sobre o assunto, visto que foi a própria criança que o introduziu na brincadeira). Perante o questionamento da estagiária, a paciente balançou a cabeça em movimento de afirmação e disse “quando capota, sai pela janela”. Dessa maneira, estabeleceu-se, por meio da brincadeira, um diálogo entre a paciente e a estagiária sobre a situação real do acidente. A estagiária questionou quem era a pessoa que saía pela janela. Fernanda respondeu a pergunta dizendo que era ela, quando ocorreu o acidente. Contou que a batida foi do seu lado do carro e que amassou a sua porta, por isso teve que sair pela janela. Ao perguntar se ela havia ficado com medo, a menina respondeu que não.

A brincadeira continuou da mesma forma que estava sendo realizada. Fernanda subia todos os carros para o estacionamento e depois os descia pela rampa, até que em um momento um dos carros que estava descendo a rampa

realmente “capotou”. Quando esta cena ocorreu, a menina demonstrou ter ficado apreensiva com a situação. Percebendo sua agitação a estagiária perguntou para a menina “E agora? O que vamos fazer?”. Fernanda respondeu que não sabia. De forma preocupada, a estagiária então interveio e disse “Já sei, vou salvar ele”, virando o carro para a sua posição regular.

De acordo com a vinheta relatada acima, pode-se observar que a técnica da interpretação ocorre de uma forma sutil, ou seja, usa-se a própria brincadeira para propor algo à criança. Susemihl (2013) afirma que o terapeuta infantil deve ter o conhecimento da teoria e da técnica, mas também o entendimento do mundo infantil e principalmente criatividade, pois dessa maneira, dentro da própria brincadeira pode ser dada uma interpretação para a criança. A interpretação neste caso foi dada mostrando para a criança que o “capotamento” ocorreu, mas que com ajuda de terceiros tudo ficou bem, assim como em seu acidente. Com isso, a estagiária utiliza o mundo infantil e a criatividade para dar a sua interpretação, usando a própria brincadeira para apontar para a criança aquilo que se queria interpretar.

Os próximos minutos que decorreram a sessão mostraram que a interpretação dada pela pesquisadora fez sentido para Fernanda, uma vez que a menina ficou até o fim da sessão, que faltavam trinta minutos para se encerrar, “capotando” e “descapotando” o carro. A mesma percebeu que o carro capotava conforme a força que ela lançava os carros pela rampa, assumindo assim o domínio da brincadeira.

A dinâmica utilizada pela menina dentro do jogo estabelecido por ela era: capotar o carro descendo-o pela rampa do posto de gasolina, onde sempre havia outro carro por perto, para que este carro ajudasse o outro que estava capotado e desta forma, “o salvar”, como Fernanda pronunciava na ocasião. Durante a brincadeira, a menina procurava situações em que sabia que o carro iria capotar, como por exemplo, deixar o carro cair da mesa que estava brincando, para que seguisse a mesma dinâmica de levar outro carro perto do local do acidente para ajudar com o capotamento.

Esse jogo de repetições realizado por Fernanda, que a faz capotar e descapotar o carro a coloca em um papel ativo, através do qual ela pode ter o total controle da situação, pois é uma cena que foi sofrida por ela e que ela não teve o poder de controlar anteriormente, mas que por meio do brincar isso se fez possível. Dessa forma, ela torna-se autônoma perante a situação que lhe fora penosa, o que

rememora a história conhecida como “fort-da”, do neto de Freud ([1920-1922]/1969) que valeu-se da repetição com o jogo do carretel, para elaborar uma situação que lhe era difícil, no caso, a ausência da mãe, vivendo por meio da simbolização do jogo do carretel, essas idas e vindas da sua mãe, assim como Fernanda usou dos carros de miniatura para reviver o seu acidente. Porém, desta vez, com o domínio da situação, podendo repeti-la quantas vezes for necessário e parar quando quiser.

No que se refere ao parágrafo acima, Klein ([1882-1960]/1997) afirma em sua obra que a criança usa mecanismos primitivos ao brincar, colocando a ação no lugar da fala. Portanto se usarmos técnicas de adultos, como por exemplo utilizar apenas da associação livre, provavelmente não será possível alcançar a profundidade que é necessário em uma análise. Dessa forma, o brincar colocará a criança para falar através das suas ações, ou seja, das suas brincadeiras.

A sessão número seis continuou com Fernanda brincando com o “Auto-Posto”, capotando os carros. Já na sétima sessão, a paciente encontrou uma retroescavadeira em miniatura e um caminhão – que a carroceria não era fechada - dentro da caixa lúdica e escolheu brincar com esses objetos. A menina, enquanto brincava, perguntou para a estagiária para que servia a parte da escavadeira e teve como resposta que era para “pegar a terra e colocar em cima do caminhão”. Ao ouvir o que a estagiária respondeu, Fernanda afirmou que pelo fato da carroceria do caminhão ser aberta o veículo precisava capotar para conseguir descarregar toda a terra. Logo após proferir a afirmação, a paciente quebrou a escavadeira do trator. Neste momento, ficou inibida por ter quebrado o brinquedo. Percebendo a mudança da paciente, a estagiária falou para a menina que não havia problemas em ter quebrado o brinquedo e acrescentou dizendo “pelo menos agora o caminhão não precisa capotar porque não vai ter terra, né?”. A menina concordou com uma resposta afirmativa e logo voltou a brincar.

Para Klein ([1882-1960]/1997) isso ocorre, pois ao passo que se interpreta algo para a criança a energia que antes ela usava com a repressão, passa a ser direcionada para o seu brincar, o que explica o prazer que a criança sente nesse ato lúdico. Dessa forma, é possível entender o processo que ocorre quando a criança está inibida, e por meio da interpretação, ela consegue se desvencilhar da repressão e voltar a sua ação para o brincar. Dentro desse contexto o contato analítico também é reestabelecido.

Neste sentido, a interpretação teve a função de amenizar uma angústia sentida pela paciente, uma vez que ela quebra o brinquedo e fica inibida de brincar. Mas, pela interpretação dada pela pesquisadora, logo há uma diminuição de suas angústias e essa energia volta em forma de libido para a brincadeira.

Em todas as sessões que se seguiram, a paciente brincou com os carros. Algumas sessões foram brincadeiras breves e outras ocuparam quase a sessão inteira. Usava sempre a mesma dinâmica de “capotá-los” no “Auto-Posto” ou fazer os veículos fugirem da polícia. Na sessão número dez Fernanda estava brincando com o “Auto-Posto”, como de costume, mas no momento em que o carro estava descendo pela rampa ela perguntou para a estagiária “será que vai capotar?”, obteve como resposta da pesquisadora a seguinte frase “você quer que o carro capote?”. Neste instante a menina ficou em silêncio, mas após uma longa pausa disse: “assim eles vão machucar”. A paciente estava falando da brincadeira, mas concomitantemente estava se referindo ao seu próprio “capotamento”. Ao perceber a necessidade do diálogo sobre o seu acidente a estagiária indagou: “E no seu acidente? Machucou quando capotou?”. De imediato a menina respondeu que sim e falou sobre os ferimentos de cada familiar seu que se encontrava dentro do carro no dia do acidente. Contou também que ela foi a que mais se machucou, pois bateu a cabeça e que sua irmã “apenas perdeu a unha”. Relatou que o destino da viagem era para a cidade da sua avó.

A vinheta apresentada acima mostra a importância que o brincar teve para o estabelecimento do diálogo entre a estagiária e a paciente, uma vez que foi através do contexto que estava ocorrendo na brincadeira que foi possível fazer com que a paciente conseguisse falar sobre o seu acidente. A interpretação auxiliou para que essa comunicação verbal pudesse ocorrer.

Nas sessões seguintes, sendo estas de número onze, doze e treze, a menina continuou brincando com os carros e por intermédio da brincadeira a paciente dava espaço para que fossem feitas mais perguntas a respeito do seu acidente. Durante essas três sessões, quando ocorria alguma situação relacionada com o seu real acidente a estagiária perguntava algo sobre o acidente para que Fernanda falasse do seu “capotamento”.

Nas primeiras sessões, quando eram feitas perguntas a respeito do acidente a menina emudecia, mas com a elaboração através do brincar efetuado durante as sessões e pela diminuição das ansiedades por intermédio da interpretação, a

paciente já conseguia dialogar sobre o que se passara no dia em que o carro capotou. Porém, em algumas perguntas Fernanda ainda não se sentia a vontade de prolongar o diálogo, como por exemplo, quando fora indagada pela pesquisadora se a paciente sentiu medo no dia do acidente e a menina respondeu que não rispidamente. Com o intuito de tranquilizar a criança a estagiária afirmou que era natural sentir medo, mas ao dizer essa frase, Fernanda mudou de assunto, demonstrando nitidamente que não queria conversar sobre seu medo.

Susemihl (2013) expõe que a interpretação auxiliará a diferenciar o sentido emocional do mundo interno da criança, dessa forma, a técnica faz com que o pequeno em análise consiga distinguir amor e ódio, dentro e fora, desenvolvendo assim o seu ego e o contato com a realidade. No caso de Fernanda, a interpretação mostrou a ela que o brincar está representando seu mundo interno, não sendo aquela brincadeira, o seu acidente real e sim uma forma de elaboração de sua cena traumática, o que auxiliou a paciente a conseguir falar verbalmente a respeito do que houve com ela, sendo que antes, quando era perguntado algo a respeito do acidente, a terapeuta não obtinha respostas, já nas últimas sessões, falar sobre o acidente tornou-se uma dinâmica recorrente.

Ao realizar a devolutiva com a genitora de Fernanda sobre o caso, a mãe da menina ressaltou que os medos que a pequena apresentava foram diminuídos. Contou que a paciente já estava brincando sem a supervisão dos pais, que o medo de chuva também diminuiu, uma vez que dias anteriores à sessão havia chovido e Fernanda não demonstrou ficar apreensiva como antes. Já o medo de carro ainda persistiu, mas foi possível notar uma evolução no caso, visto que sempre viajavam no período noturno para que a pequena fosse dormindo, porém desta vez comunicaram à menina que viajariam no período da tarde. Fernanda chegou a pedir para que viajassem a noite, mas por fim aceitou viajar no período vespertino, o que antes não ocorria.

## **CONCLUSÃO**

Pode-se concluir que, o estudo de caso ilustra como é possível realizar interpretações dentro do contexto de psicoterapia infantil, mas sem a pretensão de dizer como deve ser interpretado, visto que, dentro da psicoterapia infantil, assim como com os adultos, cada interpretação irá se ajustar conforme a necessidade do paciente, portanto não há uma fórmula estabelecida para se interpretar. Dessa

maneira o que o trabalho propôs foi dar uma contribuição de como ocorreu à interpretação com o caso clínico em questão, aproximando a teoria da parte prática.

Sendo assim, o caso clínico de Fernanda demonstrou a importância do brincar dentro do contexto de psicoterapia infantil, mostrando, através do jogo, que as interpretações tornaram-se possíveis e ajustadas a fase infantil, valendo-se das próprias brincadeiras desenvolvidas nas sessões para transmitir determinada interpretação, operando assim de uma forma ajustada a faixa etária infantil e utilizando da mesma linguagem das crianças, o brincar.

O estudo de caso também demonstrou que ao interpretar algo à criança, as suas repressões e ansiedades são diminuídas. O contato com a realidade do seu acidente também foi trabalhado através da interpretação e elaboração por meio do brincar.

Portanto, o presente artigo se propôs a falar sobre a interpretação, mas muito se falou do brincar, uma vez que em uma psicoterapia infantil a técnica da interpretação está atrelada aos jogos, pois o terapeuta usa parte da brincadeira que a criança está representando para fazer a sua interpretação.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Psicanálise da criança: teoria e técnica**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 1982.

FREUD, S. [1909]. **Obras completas**: Duas histórias clínicas (O “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”). Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. [1920-1922]. **Obras completas**: Além do princípio do prazer e Psicologia do grupo e análise do Ego. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

KLEIN, M. [1882-1960]. **Obras completas**: A psicanálise de crianças. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MANNONI, M. **A criança, sua “doença” e os outros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SUSEMIHL, E. V. K. P. A. A mudança paradigmática da interpretação na escola inglesa a partir de Klein. In: GUELLER, A. S.; SOUZA, A. S. L. **Psicanálise com crianças**: Perspectivas teórico-clínicas. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 239-258.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica: uma revisão**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

